

FMI, só com dinheiro novo

BRASÍLIA — O Brasil não aceitará nenhuma vinculação com o FMI, dentro do processo de renegociação da dívida, se tal não resultar na entrada de dinheiro novo para financiar o desenvolvimento econômico do país, afirmou o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, após um rápido encontro com o ministro da Fazenda.

— Não haverá nada disso — enfatizou. — O que precisa ficar claro é que o Brasil aceita um novo acordo com o FMI desde que essa negociação esteja vinculada à entrada de recursos novos de entidades como o Banco Mundial e os Exim-banks, além do governo japonês.

Seguem hoje para os Estados Unidos Fernão Bracher, assessor especial do ministro da Fazenda para assuntos da dívida externa, e o diretor do Banco Central para a Dívida Externa, Antônio de Pádua Seixas, para conversas com o Comitê de Bancos Credores.

Milliet manifestou a preocupação das autoridades econômicas com a elevação das taxas de juros internacionais, classificando-a como “um problema grave para

a administração da dívida externa brasileira”. Foi por isso mesmo, em face da flutuação das taxas de juros no mercado internacional, que o Brasil propôs aos credores um teto para o pagamento dos juros. Acima desse nível, os juros seriam automaticamente refinanciados, explicou o presidente do BC.

Só com a normalização do mercado internacional de dinheiro será possível ao Brasil resolver o problema da dívida, na opinião de Milliet. As flutuações das taxas de juros, resultante das políticas econômicas dos governos dos EUA, Japão e Alemanha, entre outras nações desenvolvidas, representa um complicador porque leva um crescimento da dívida acima da capacidade exportadora dos países em desenvolvimento.

Quanto ao pagamento simbólico dos juros aos banqueiros internacionais, Milliet disse que não existe qualquer compromisso a esse respeito por parte do Brasil, até o momento. A expectativa do Brasil é prosseguir nas negociações e obter até o final deste ano um acordo satisfatório com os banqueiros, concluiu.